



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

## **Mulheres às margens e em luta por estratégias cotidianas de sobrevivência**

*Women on the margins and fighting for daily survival strategies*

Isabela Vianna Pinho<sup>1</sup>

Fernanda Kagan Mallak<sup>2</sup>

Isabela Cristina Alves de Araujo<sup>3</sup>

Fernanda Gobbi<sup>4</sup>

O presente dossiê se propõe a dar maior espaço para trabalhos sobre as lutas cotidianas de mulheres que estão às margens da cidade, em contextos de pobreza, precariedade e violência. Trabalhos preocupados com os esforços diários por justiça e sobrevivência em situações de conflito, de luto e de dor. O dossiê, ainda, traz artigos que tratam de questões epistêmicas e metodológicas acerca do espaço das mulheres - em especial mulheres negras - na construção do conhecimento, no meio acadêmico, nas Ciências Sociais, abordando, por exemplo, as potencialidades e desafios de ser mulher estudando. Não é mero acaso que o dossiê é composto por autoras e coautoras mulheres (em sua grande maioria), bem como por organizadoras e uma entrevistada. Outro ponto fundamental do dossiê são as temáticas tratadas nos artigos como, por exemplo, a centralidade da articulação entre os marcadores de raça e gênero, as temáticas do cuidado, maternidade, afeto e violência. O processo de construção do dossiê nos mostra que é inevitável, portanto, pensar nas experiências das mulheres às margens sem

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, bolsa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP. ORCID: [0000-0002-3567-297X](https://orcid.org/0000-0002-3567-297X) - E-mail: [isaviannapinho@gmail.com](mailto:isaviannapinho@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, com período sanduíche (CAPES-Print) no Latin American Centre da Universidade de Oxford. ORCID: [0000-0002-7199-4730](https://orcid.org/0000-0002-7199-4730) - E-mail: [fernandakmallak@gmail.com](mailto:fernandakmallak@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. ORCID: [0000-0002-2526-48255](https://orcid.org/0000-0002-2526-48255) - E-mail: [isabelacristina1903@gmail.com](mailto:isabelacristina1903@gmail.com).

<sup>4</sup> Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, período sanduíche em Leiden University, bolsa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP. ORCID: [0000-0003-0218-1282](https://orcid.org/0000-0003-0218-1282) - E-mail: [fernandadegobbi3@gmail.com](mailto:fernandadegobbi3@gmail.com).

considerar as múltiplas formas de opressão existentes, especialmente relacionadas à raça.

Este dossiê se soma com um conjunto de pesquisas que estão com as lentes voltadas para novas formas de descrever e analisar a presença das mulheres em temas consolidados dentro da Sociologia, como, por exemplo, a presença feminina no trabalho do cuidado, nas dinâmicas criminais, nas questões raciais e no acesso e construção da saúde. Ao colocar as mulheres no centro do debate, busca-se, portanto, fazer contraponto a uma presença parcial, sobretudo marcada por concepções reiteradas, que reafirma o imaginário social de mulheres submissas, subordinadas e responsabilizadas pelo trabalho reprodutivo. Além disso, há uma ênfase no luto dessas mulheres, limitando suas agências, seus movimentos em direção às lutas por elas travadas. Deste modo, selecionamos textos que inovaram em suas perspectivas, que partiram de perguntas de pesquisa que desafiam, muitas vezes, o senso comum acadêmico, ao retirar as mulheres desse lugar estabelecido, construindo novas possibilidades analíticas ao olhar atentamente para a complexidade da experiência de ser mulher em uma sociedade que se sustenta em pilares coloniais do machismo e do racismo.

No primeiro texto, *Homicídios íntimos praticados por mulheres em uma perspectiva de gênero interseccional*, Rossana Albuquerque & João Marcelo Aguiar se debruçam sobre homicídios íntimos praticados por mulheres no estado do Piauí. A mulher como aquela que desfere uma violência fatal é incomum dentro dos estudos de criminalidade, principalmente em um país que no último ano teve um crescimento de todos os índices de violência de gênero. Em 2022, segundo o *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, 1.437 de mulheres foram vítimas de feminicídio no Brasil, um crescimento de 6,1% em relação a 2021, 61,1% delas eram negras. Albuquerque & Aguiar trazem uma nova análise para esses dados, ao demonstrar como mulheres, em casos extremos de violência doméstica, veem no homicídio íntimo a única forma de se afastarem das estatísticas alarmantes de feminicídio. O artigo, assim, traz como pano de fundo questões de extrema relevância para a segurança pública, tais como: a

desproteção estatal das mulheres que são vítimas de violência doméstica e a revitimização policial ao denunciarem. A negligência à violência contra mulher alimenta o ciclo da violência fatal.

A perspectiva racial está consistentemente presente em nosso dossiê, indicando a importância das análises interseccionais ou decoloniais, que buscam integrar raça e gênero como marcadores sociais centrais para a construção de si e para a percepção social. Nesse mote, Tamires Costa & Elisabete Santos relacionam maternidade, raça e juventude no artigo *Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras*. Ouvindo as mulheres negras, as autoras buscam apreender como elas representam suas maternidades, na adolescência e solo. A partir dos relatos, elas conseguem construir a noção da maternidade negada e do preterimento afetivo que perdura desde a colonização, a partir das violências a que mulheres escravizadas foram submetidas. Além disso, a romantização do sentimento materno e a idealização da relação mãe e filha/o também se fazem presentes nas narrativas das mulheres entrevistadas. As autoras ainda demarcam que o cuidado é trabalho reprodutivo e a responsabilização das mulheres como as únicas que devem desempenhá-lo impõe sobre elas uma sobrecarga em todos os aspectos de sua vida.

Gabriela Santos & Victor Oliveira seguem na mesma linha e retomam no dossiê uma análise profunda e abrangente sobre as interseccionalidades das identidades de gênero, raça e juventude, especialmente no contexto brasileiro. Eles indagam a questão: Como essas diversas dimensões da construção da identidade se entrelaçam e moldam as experiências individuais de jovens negras? Os autores enfatizam a importância do feminismo negro como ferramenta crucial para o aprofundamento da compreensão e formulação das identidades. O artigo *Ser jovem, mulher e negra: entrecruzamentos e identidade* demonstra o modo como a presença de profissionais negras no ambiente acadêmico e no mercado de trabalho inspira e motiva jovens negras estudantes, desafia estereótipos e amplia perspectivas e possibilidades.

Agregando à discussão, Douglas Santos reflete sobre a presença da mulher negra nas universidades públicas brasileiras, ao destacar os impactos da conciliação das responsabilidades do trabalho doméstico não remunerado, do emprego remunerado e a formação acadêmica. O texto, *A presença da mulher negra na universidade pública brasileira: de quem estamos falando?* parte do conceito de "epistemicídio" para analisar os modos de operação de um instrumento de manutenção das estruturas de poder que marginalizam e silenciam as produções de mulheres negras, perpetuando a supremacia intelectual branca. O autor demonstra o modo como o reconhecimento do sofrimento racial no ambiente universitário e a promoção da diversidade e inclusão são fundamentais para uma construção coletiva de conhecimento e produção de reflexões não normativas.

O artigo *Práticas Ancestrais de Cuidado à Puérpera: redes de apoio, percepções e vivências de mulheres negras* das autoras Fernanda Cockell & Deborah Silva adiciona uma camada de compreensão analítica ao dossiê, explorando como as práticas tradicionais de cuidado e as redes de apoio influenciam a experiência da maternidade entre mulheres negras. As autoras buscam aprofundar as estratégias comunitárias e ancestrais de apoio durante o período pós-parto, destacando a importância dessas práticas no fortalecimento da autonomia e bem-estar da puérpera. A partir das entrevistas em profundidade com as participantes de um projeto de extensão universitária, voltado ao suporte de mães trabalhadoras e estudantes em situações de vulnerabilidade, revela-se que, além de promoverem um puerpério mais acolhedor e positivo, essas práticas ancestrais e redes de suporte têm o poder de transformar a percepção da maternidade, influenciando significativamente a motivação dessas mulheres para engajarem-se em iniciativas de apoio a outras puérperas. Os achados lançam luz para a necessidade de valorizar e integrar o conhecimento e as práticas ancestrais no cuidado à saúde materna, especialmente entre pessoas negras, reiterando a interseccionalidade como um aspecto crucial na abordagem da maternidade e do cuidado perinatal.

A abordagem temática em diálogo com a literatura também foi uma das apostas presentes no dossiê. Jeferson Silva investiga a intersecção de gênero e raça na saúde mental, focando na história de Carolina Maria de Jesus no artigo *Desafios da saúde mental na interseção de gênero e raça: notas sobre a experiência de uma mulher preta, pobre, mãe solteira e emocionalmente inteligente, em Quarto de Despejo*. O estudo revela como as adversidades da pobreza extrema afetam a saúde mental de mulheres que vivem na interseção de múltiplas marginalizações, enfatizando a resiliência e a inteligência emocional da personagem como ferramentas de sobrevivência e luta contra as desigualdades sociais. A análise ressalta a literatura como uma arena onde as pessoas de origem periférica podem narrar suas próprias histórias, promovendo uma compreensão mais diversa das dinâmicas de poder e resistências, bem como instigando reflexões sobre as desigualdades sociais.

Elizangela de Oliveira no artigo *Cartas para minha avó - Feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira*, mergulha na obra de Djamilia Ribeiro para reconstituir a experiência da mulher negra no Brasil, entrelaçando as dimensões do feminismo negro e do racismo estrutural. Através da análise literária, o artigo destaca a importância da voz e do protagonismo da mulher negra, oferecendo uma perspectiva de resistência. Ao analisar a narrativa pessoal e coletiva contida na literatura, revela como a escrita de mulheres negras serve não apenas como um ato de expressão pessoal, mas também como ferramenta de luta contra o racismo estrutural e a marginalização.

A centralidade das perspectivas de gênero e de raça também se faz presente no artigo *Afetividade, processo grupal e aquilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista*, das autoras Mariana Ortega, Beatriz Brambilla & Edna Kahhale. A partir das experiências de mulheres negras - vivenciadas coletivamente em uma clínica psicológica durante a pandemia do Covid-19 – as autoras trazem enormes contribuições quanto a importância da criação de um espaço de acolhimento, afeto, escuta e cuidado. Ao propor uma clínica crítica como estratégia para lidar com a

reprodução do machismo e da colonialidade, o artigo possui a riqueza de mostrar a construção cotidiana e coletiva de sentidos e afetos tecida por mulheres negras. Através da partilha de experiências de dor, esse serviço psicológico em uma clínica escola universitária se mostrou crucial na promoção da saúde mental e no combate às disparidades raciais no acesso à assistência psicológica. O dossiê, dessa forma, também contribui de forma interdisciplinar, ao trazer discussões de outras áreas de conhecimento em diálogo com a Sociologia.

A discussão sobre interseccionalidade emerge novamente no artigo *Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe*. Ingrid Leite reconstitui a história de vida de Eulália como ferramenta para compreender as complexidades da experiência de uma mulher negra, mãe, residente na periferia, vítima de violência doméstica e integrante da *Rede de Mães do Ceará*, cujo filho foi assassinado. A autora reflete sobre como a pobreza, o racismo, o machismo e a violência doméstica moldam não apenas as oportunidades de trabalho e educação, mas também as relações familiares e sociais. O artigo demonstra como essas múltiplas formas de opressão são agravadas pela falta de apoio institucional e comunitário, limitando os recursos necessários para enfrentar os ciclos geracionais de violência.

Encerrando o dossiê, a professora Nadya Araújo Guimarães nos brinda com sua imperdível entrevista intitulada *O enlace entre trabalho, cuidado e gênero*, e conduzida pelas pesquisadoras Isabela Pinho, Lina Ferreira & Fernanda de Gobbi. Docente Sênior do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, Nadya primeiro nos narra sobre sua trajetória brilhante, enlaçada nas áreas da Sociologia do Trabalho e das Relações de Gênero. Importante ressaltar que este dossiê sai um ano após a professora ser homenageada com prêmio de excelência acadêmica por suas contribuições ao campo do “cuidado” durante o *47º Encontro Anual da Anpocs*<sup>5</sup>. Aproveitamos esse momento importante para celebrar sua trajetória rica e experiente, que trouxe enormes frutos para as Ciências Sociais.

---

<sup>5</sup> Ver: [Jornal da USP](#), 2023.



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Durante a entrevista, Nadya nos contempla com a discussão sofisticada sobre o tema do “cuidado” - o qual é referência exemplar -, visto aqui por ela como um enlace das várias formas de trabalho e de diferentes campos acadêmicos dentro e fora do Brasil. A entrevista também é interessante por abordar a ideia de “circuitos de cuidado” desenvolvida por ela, bem como as possibilidades e limites do conceito. Em seguida, a experiente professora toca em questões muito contemporâneas relacionadas ao cuidado para além do debate acadêmico e sociológico, isto é, o seu transbordamento para o debate público, como no caso da pandemia e do Enem<sup>6</sup>. Ao final, Nadya fala ainda sobre os seus projetos atuais e futuros, dando conselhos valiosos para pesquisadores das Ciências Sociais, em especial nós, mulheres sociólogas.

---

<sup>6</sup> O tema da redação do Enem 2023 foi sobre os “desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil. Ver: [G1](#), 2023.